

A SOCIEDADE PÓS-MODERNA EM *DEUSES AMERICANOS*, DE NEIL GAIMAN

ANDRÉ KARASCZUK TANIGUCHI*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 12 ago. 2019. Aprovado em: 15 set. 2019.

Como citar este artigo: TANIGUCHI, A. K. A sociedade pós-moderna em *Deuses americanos*, de Neil Gaiman. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 19, n. 3, p. 61-75, set./dez. 2019. doi: 10.5935/cadernosletras.v19n3p61-75

Resumo

Deuses americanos, de Neil Gaiman (2016), é frequentemente relacionado às ideias da pós-modernidade devido a seus temas e discussões. Este artigo propõe, baseado em teorias acerca da sociedade pós-moderna, uma análise dos elementos presentes no romance de Gaiman. Destrinchando os principais aspectos de *Deuses americanos*, será estabelecida uma relação com os conceitos de Stuart Hall (2015) sobre a pós-modernidade. Nesse romance de fantasia, deuses mitológicos, provenientes de diversos panteões, e deuses modernos, corporificações das tendências contemporâneas, estão em uma guerra pela sobrevivência, uma

* E-mail: andrekaraszuk@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-2182-0385>

evidente metáfora para a dicotomia entre tradição e modernidade na sociedade. Em conjunto com as reflexões de Alan Watts (1951) acerca das crenças humanas, os conceitos da pós-modernidade contidos no romance serão debatidos a fim de estabelecer as semelhanças e os contrastes entre ambas as perspectivas.

Palavras-chave

Pós-modernidade. Sociedade. Literatura.

INTRODUÇÃO

Este artigo estabelece uma reflexão acerca da representação da sociedade norte-americana no romance de fantasia *Deuses americanos*, de Neil Gaiman (2016), em conjunto com as ideias sobre pós-modernidade estabelecidas por Stuart Hall (2015) em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015) e as considerações de Alan Watts (1951) em *The wisdom of insecurity* sobre a fé humana na modernidade.

Originalmente publicado em 2001 sob o título de *American gods*, *Deuses americanos* é um romance de fantasia que narra a história do ex-presidiário Shadow Moon, contratado por Wednesday – na realidade, o deus nórdico Odin – para ser seu motorista e ocasional segurança. No universo da obra, todos os imigrantes ou viajantes que um dia entraram no território dos Estados Unidos trouxeram consigo tradições e crenças. Conseqüentemente, os deuses dessas culturas também vieram ao continente americano e passaram a habitá-lo. Juntos, Shadow e Wednesday viajam por todos os Estados Unidos recrutando os “deuses antigos” para combater os “novos deuses” – corporificações das crenças da sociedade contemporânea nas novas tecnologias, mídias e políticas.

Esse embate entre o “velho” e o “novo” presente na obra é uma das questões discutidas no tema da pós-modernidade. De acordo com Coutinho (2008, p. 161), o termo “pós-modernismo” passou a integrar o discurso crítico norte-americano no final da década de 1950, no período pós-guerra. O autor também afirma que, ao longo dos anos 1960, o termo passou a ser associado com a arte *pop*. Nas décadas seguintes, o pós-modernismo migrou para a Europa e, conseqüentemente, para o restante do mundo, tornando-se um movimento cultural que perduraria até o início dos anos 1990.

Segundo Hutcheon (2002, p. 165 *apud* NICOL, 2009, p. xv), o pós-modernismo, no século XXI, é uma “coisa do passado”, pois há uma série de

atributos que institucionalizaram o movimento como canônico. No entanto, Bran Nicol (2009) discorda da afirmação de Hutcheon, alegando que a sociedade contemporânea ainda é moldada pelas condições pós-modernas. Portanto, nessa perspectiva, mesmo que teóricos aleguem que o movimento pós-moderno possivelmente se encerrou nos anos 1990, algumas tendências continuam influenciando a contemporaneidade na literatura, no cinema, na televisão e em outras mídias.

Além desse conceito estético atrelado ao termo “pós-moderno”, também podemos identificar uma questão social. Para Hall (2015), uma sociedade pós-moderna é composta por diversos fatores fundamentais da contemporaneidade, como imigração, sociedade de consumo, movimentos sociais, entre outros. Como apontaremos durante este estudo, *Deuses americanos* possui influências dessa sociedade pós-moderna nos temas, personagens e acontecimentos da obra de Gaiman. Hall (2015, p. 12) argumenta que o indivíduo pós-moderno é definido pela globalização e fragmentação das identidades culturais:

[...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente.

Essa multiplicidade de identidades mencionada por Hall (2015) pode ser relacionada com os inúmeros deuses presentes em *Deuses americanos*, em que identificamos divindades pertencentes a diversos panteões: nórdico, germânico, egípcio, eslavo etc.

Considerando que a presença desses deuses é causada pela imigração de seus respectivos povos, nota-se, portanto, que a obra de Gaiman debate o multiculturalismo da contemporaneidade norte-americana, uma das principais discussões sobre a pós-modernidade.

Em *Deuses americanos*, cada divindade funciona como um “consciente coletivo” de um determinado povo que migrou ou imigrou para o território dos Estados Unidos em algum período da história. Como é dito pelo personagem Mr. Ibis:

Os irlandeses vieram mesmo à América durante a Idade das Trevas? Claro que vieram, assim como os galeses e os vikings. Nessa época, os africanos da costa

ocidental, que mais tarde foi chamada de Costa dos Escravos, ou Costa do Marfim, estabeleceram comércio com a América do Sul; e os chineses visitaram o Oregon algumas vezes, eles chamavam aquele lugar de Fu Sang. Os bascos estabeleceram, em segredo, áreas de pesca sagradas no litoral de Newfoundland, há mil e duzentos anos (GAIMAN, 2016, p. 194).

Com base nesse diálogo, os Estados Unidos, na verdade, foram um território bastante visitado por outros povos séculos antes da colonização britânica. O sistema povo > cultura > deuses, portanto, ocorre a partir dessas visitas (ou imigrações): um determinado povo, com a própria cultura e crença, vai aos Estados Unidos (ou ao que corresponderia futuramente ao território do país) e, por meio de algum ritual religioso ou qualquer tipo de manifestação de fé, cria uma versão física dessa divindade, que passará a viver no novo continente, adaptando-se à cultura local.

Quando se analisa esse processo, é possível considerá-lo uma metáfora da vida de imigrantes em uma nova terra, assim como sua adaptação ao lugar. Em outras palavras, considerando que os “deuses americanos” são criados a partir da cultura de imigrantes, esses mesmos deuses irão se adaptar ao novo meio em que vivem, sem deixar de lado alguns de seus traços característicos.

Como escreve Stuart Hall (2015, p. 40), a questão da imigração na identidade cultural é bastante relevante nas discussões sobre o período pós-moderno, e este artigo estabelece uma reflexão sobre a possível relação entre o período e o romance *Deuses americanos*. Nesse sentido, este estudo justifica-se pela importância da discussão sobre o tema, assim como a discussão sobre cultura na globalização também se prova um tema bastante recorrente e agravado em decorrência do contexto sociopolítico nas décadas de 2000 e 2010. A presença desses temas em *Deuses americanos* proporciona a oportunidade de analisar assuntos em constante evidência na sociedade, porém na perspectiva de uma obra literária.

A METÁFORA PÓS-MODERNA

A sociedade pós-moderna se mostra presente em *Deuses americanos*. Embora o romance possua uma ampla discussão social no contexto do início do século XXI, é o elemento fantástico que proporciona a metáfora cuja função será discutir esse tema.

Durante a introdução deste estudo, apontamos sucintamente a estrutura na qual os deuses mitológicos ganham vida nos Estados Unidos: um determinado povo, grupo ou indivíduo com a própria crença/tradição chega ao território norte-americano e executa algum ritual de fé, fazendo com que o deus reverenciado surja.

Este diálogo entre Shadow e Mr. Ibis – o deus egípcio Tot – ilustra o funcionamento desse sistema:

- Você está me dizendo que os antigos egípcios vieram comercializar aqui cinco mil anos atrás?
- [...] – Três mil quinhentos e trinta anos – corrigiu, por fim – Mais ou menos.
- [...] O povo permaneceu por tempo suficiente para acreditar em nós, para realizar sacrifícios em nosso nome, e para que alguns dos mercadores morressem de febre e fossem sepultados aqui, e então surgimos em seu encalço (GAIMAN, 2016, p. 193).

Portanto, para que os deuses nasçam nos Estados Unidos, é necessário que uma manifestação cultural de um povo seja executada no território; os deuses presentes no romance, então, são uma espécie de “impressão digital” deixada pelos diversos povos e culturas que um dia estiveram na América do Norte. Essas manifestações podem ser interpretadas como uma metáfora dos inúmeros povos imigrantes nos Estados Unidos, como reforçam os contos “Vinda à América”, inseridos entre alguns capítulos de *Deuses americanos*.

Embora esse argumento seja um indício suficiente para afirmar a presença dessa metáfora, *Deuses americanos* também desenvolve essas figuras mitológicas nos Estados Unidos: uma vez que os deuses nascem, suas vidas ainda dependem da fé e dos rituais de seus respectivos povos, no entanto, como consta na citação indicada anteriormente, é possível que eles sejam abandonados por seus “fiéis” – os egípcios, nesse caso, foram à América do Norte em busca de comércio. Assim que suas atividades se encerraram, eles voltaram à sua terra de origem –, dessa forma, sem nenhuma demonstração de fé para fortalecê-los, os deuses adotaram atividades para si; Mr. Ibis e Jacquel fundaram um serviço funerário, Wednesday se tornou um golpista, Czernobog – deus eslavo – trabalha num matadouro, Jinn – um gênio da mitologia árabe – é um taxista em Nova York.

A questão da imigração é um dos aspectos mais relevantes nas discussões sobre a sociedade pós-moderna e a globalização como um todo. A imigração

aos Estados Unidos, especialmente, é um claro exemplo da “via de mão dupla” mencionada por Stuart Hall (2015, p. 48): enquanto o país exporta produtos e mídia às nações do globo, pessoas dessas outras regiões imigram para a América do Norte. Além disso, essa exportação de mercadorias, principalmente as mídias como cinema e televisão, possui grande influência na vinda de imigrantes aos Estados Unidos, uma vez que esses produtos midiáticos, de uma forma ou de outra, transmitem a imagem do país como a “terra da oportunidade”, “liberdade” e “igualdade”, o célebre *American Dream* (Sonho Americano).

Portanto, considerando que *Deuses americanos* é uma obra que busca descrever os Estados Unidos, não seria um equívoco afirmar que esse romance é uma narrativa sobre imigrantes. Logo, se imigração é um dos principais aspectos que definem essa nação, seria essa uma das facetas da identidade nacional dos Estados Unidos? Seria esse um dos atributos que compõem a “americanidade”, assim como Hall (2015, p. 30) reflete acerca da “inglesidade”?

Como é descrito nos contos “Vinda à América” e “Algum lugar nos Estados Unidos” e na jornada de Shadow, a América do Norte é um centro de imigração; egípcios, nórdicos, irlandeses, ingleses, árabes, germânicos, eslavos, entre outros, possuem algum tipo de participação na trama, representados pelos deuses e por outros seres. Apesar de alguns possuírem mais relevância que outros na narrativa, a diversidade cultural presente em *Deuses americanos* é perceptível.

Com essa diversidade, Gaiman também busca apontar a identidade cultural dos Estados Unidos. Em muitas ocasiões, o romance assume aspectos do gênero cinematográfico de *road trip*,² bastante comum no cinema. *Deuses americanos*, por vezes, torna-se uma narrativa de viagem, afinal, Shadow e Wednesday visitam um grande número de cidades e locais icônicos, como Chicago, House on the Rock, Cairo (Illinois), Las Vegas, São Francisco, Monte Rushmore, Rock City, além de outras cidades pequenas; os contos “Algum lugar nos Estados Unidos” também utilizam Los Angeles e Nova York como cenários.

Ainda que todos esses locais façam parte do território dos Estados Unidos, Wednesday, durante uma sequência da narrativa, menciona a grande distinção entre as diversas regiões do país:

2 Esse gênero tem como premissa alguma forma de viagem feita por um ou mais personagens; narrativas dessa categoria frequentemente apresentam outras perspectivas ou identidades culturais, propondo até mesmo contrastes entre a realidade dos personagens com aquilo que é encontrado durante suas jornadas.

[...] – São Francisco não fica no mesmo país que Lakeside, assim como Nova Orleans não fica no mesmo país que Nova York e Miami não fica no mesmo país que Minneapolis.

– É mesmo? – perguntou Shadow sem alterar a voz.

– As cidades podem até partilhar certos significantes culturais, como dinheiro, o governo federal, entretenimento... É a mesma *terra*, claro. Mas os únicos elementos que dão a ilusão de que se trata de um mesmo país são a moeda, o *Tonight Show* e o McDonald's (GAIMAN, 2016, p. 295, grifo do autor).

Gaiman ilustra os Estados Unidos como uma nação diversa em cultura e identidade, uma região ou cidade não é igual à outra, aspecto que coincide com as reflexões de Hall (2015, p. 28), uma vez que os sujeitos da pós-modernidade são descritos como fragmentados por uma série de fatores. Como é no caso desse romance, a pluralidade cultural e identitária norte-americana possivelmente é uma consequência dessa fragmentação e distinção dentro de uma mesma nação.

Contudo, também é importante considerar a extensão dos Estados Unidos, assim como os diferentes contextos nos quais cada região foi “fundada”. Embora a hipótese da fragmentação seja válida para esse contexto, ainda é possível que circunstâncias históricas e geográficas tenham tanta influência nessa diversidade quanto as questões de imigração, globalização e movimentos sociais.

Essa reflexão acerca da pluralidade identitária não se faz presente apenas no fragmento apresentado. Como mencionado anteriormente, a busca pela definição dos Estados Unidos e de sua “americanidade” é um dos principais objetivos da obra, e será Wednesday que apontará, de maneira quase definitiva, a impossibilidade de se encontrar a essência norte-americana:

– Este é o único país que se preocupa com o que é – comentou Wednesday, contemplando o nada.

– Como assim?

– Os outros países sabem o que são. Ninguém sai em busca do coração da Noruega. Ou da alma de Moçambique. Já se sabe o que são (GAIMAN, 2016, p. 122).

Com essa afirmação, Gaiman reforça que os Estados Unidos não possuem a mesma forma de identidade nacional que outros países. Isso, além das inúmeras sequências, personagens e discussões acerca da diversidade cultural, evidencia uma outra forma de identidade, distinta da concepção “unificada” de identidade: a versão dos Estados Unidos de Neil Gaiman possui como identi-

dade nacional a multiplicidade de identidades. Em outras palavras, é com base na diversidade cultural norte-americana, proveniente das numerosas imigrações e de outros eventos, que o autor de *Deuses americanos* define a identidade nacional dos Estados Unidos.

Stuart Hall (2015, p. 35) também se atenta a situações semelhantes a essa:

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.

Portanto, a possível ausência de uma identidade nacional faz parte da identidade norte-americana, retratada por *Deuses americanos*. A real questão para encontrar o coração ou a alma – como é dito por Wednesday – não é “Qual é a essência da identidade estadunidense?”, mas “Quantas identidades compõem os Estados Unidos?”.

Embora as questões de identidade nacional e imigração sejam amplas, *Deuses americanos* apresenta outro aspecto fundamental para a reflexão acerca da pós-modernidade na forma de outra facção de divindades: os deuses modernos. Ao contrário dos deuses mitológicos, que simbolizavam conceitos ou elementos – guerra, água, vinho –, as divindades modernas são representações de objetos ou instituições da sociedade contemporânea:

– [...] deuses novos estão ganhando força nos Estados Unidos, agarrando-se a focos crescentes de fé: deuses do cartão de crédito e da rodovia, da internet e do telefone, do rádio, do hospital e da televisão, deuses do plástico e do bipe e do neon (GAIMAN, 2016, p. 140).

À medida que as sociedades modernas passaram a depender de instituições como o Estado, o dinheiro, a medicina, a *internet*, a ciência e outras, as religiões, inevitavelmente, se enfraqueceram. Situações que antes seriam respondidas por meio da fé – tal como doença ou fome – passaram a ser competências de outras entidades não divinas. Em outras palavras, a dependência da humanidade em relação às religiões passa a ser menor, uma vez que a “responsabilidade” para determinadas situações é transferida para outras instituições. Também é importante enfatizar que isso não significa o total enfraquecimento da crença, tendo em vista que religiões, principalmente as abraâmicas, ainda possuem uma influência significativa no mundo.

Em decorrência disso, a caracterização das divindades tradicionais em *Deuses americanos* como entidades enfraquecidas – com a exceção de Jesus e da Páscoa – perdendo espaço para os deuses modernos não é um mero artifício narrativo com o intuito de estabelecer um conflito, essa retratação de decadência aponta a mudança na crença da sociedade.

Como já mencionado, para que os deuses surjam, existe a necessidade de que um povo sacrifique ou pratique alguma forma de ritual. Isso pode ser coerente num contexto no qual deuses possuem nomes, aparências e funções “definidas”. No entanto, o nascimento dos deuses modernos já não pode valer-se desse mesmo processo, uma vez que não existe uma mitologia na qual seja possível encontrar uma deusa da *internet* ou um deus do celular. Para que as novas divindades surjam, outros tipos de ritual são necessários:

– [...] Eu sou a mãe dos idiotas. Sou a televisão. Sou o olho que tudo vê, sou o mundo do raio catódico. Sou a expositora de tetas. O pequeno altar em torno do qual a família se reúne para louvar.

[...] – O que eles te sacrificam?

– O tempo de vida, principalmente – respondeu Lucy (GAIMAN, 2016, p. 173).

Assim, os deuses modernos surgem a partir da utilização de determinados objetos ou instituições e da fé investida nestes. Se, no caso da televisão, a deusa “Mídia” recebe o sacrifício do tempo, então é possível concluir que as outras divindades estão sujeitas a um processo similar. Mesmo que o romance não mencione os tipos de sacrifícios recebidos por outros deuses modernos, não seria um equívoco especular que, por exemplo, um deus do hospital se alimente da fé investida por possíveis pacientes e familiares dentro de seus domínios.

A humanidade, de certa forma, sempre dependerá de algum tipo de narrativa ou mito em que os indivíduos poderão depositar seus tempos e suas crenças. O filósofo Alan Watts (1951, p. 18-19, tradução nossa) disserta acerca desse tema em sua obra *The wisdom of insecurity (A sabedoria da insegurança)*:

O homem parece ser incapaz de viver sem mito, sem a crença de que a rotina e o esforço, a dor e o medo desta vida tenham algum significado e um objetivo no futuro. Imediatamente novos mitos surgem – mitos políticos e econômicos com promessas extravagantes de futuros melhores no mundo presente.³

3 “For man seems to be unable to live without myth, without the belief that the routine and drudgery, the pain and fear of this life have some meaning and goal in the future. At once new myths come into

Além dos mitos econômicos e políticos mencionados por Watts (1951), também é possível acrescentar os mitos tecnológicos e científicos, que, assim como os outros dois, também fazem grandes promessas aos indivíduos: uma saúde melhor, um aparelho com mais recursos e facilidades, novos investimentos, governos atentos às necessidades de seus cidadãos etc. Todas essas “promessas” são recorrentes no mundo contemporâneo e recebem, de uma maneira, a fé dos indivíduos.

Deuses americanos, por sua vez, possui consciência desse processo de sacralização das “narrativas” modernas, apontando que a ascensão dos novos deuses é um processo inevitável, assim como o enfraquecimento dos deuses mitológicos. Mesmo que o conflito do romance, o embate entre as divindades, tenha sido impedido por Shadow, suas existências ainda dependem da crença dos “mortais”. Dessa maneira, quem determinará o surgimento e a morte desses deuses – ou narrativas – serão as pessoas.

Essa ascensão dos deuses modernos também pode ser explicada pela forma como a globalização se desenvolve no mundo contemporâneo. Retomando o conceito da “via de mão dupla” de Stuart Hall (2015, p. 48), enquanto uma dessas vias consiste no fluxo de imigrantes vindo às potências, a outra seria o tráfego de mercadorias, mídias e ideologia de consumo.

O consumo ou a sociedade do consumo, assim como o capitalismo em geral, é umas das principais influências na sociedade pós-moderna, e grande parte do fenômeno da globalização se deve a esse fluxo de consumo e câmbio de informações.⁴

Uma vez que o dinheiro, o consumo, o bem-estar e a identidade se tornam prioridades na vida dos indivíduos, outras instituições surgem ou se fortalecem para suprir as possíveis necessidades da sociedade: o Estado, movimentos sociais e outros grupos são alguns exemplos disso. Apesar de *Deuses americanos* não apresentar explicitamente um deus do governo ou um deus do capital, as figuras de Mr. Town e Mr. World – apesar de este se tratar de Loki, o deus nórdico da trapaça e travessura, disfarçado – podem representar a importância que as cidades e o mundo globalizado possuem na sociedade contemporânea.

being – political and economic myths with extravagant promises of the best of futures in the present world.”

4 Por “informações” considera-se tudo que compete ao conhecimento, sejam elas notícias, conceitos, informações gerais etc., conteúdos amplamente difundidos por causa da televisão e *internet*.

Ainda que não haja nenhuma aparição de um deus dos movimentos sociais, por exemplo, o romance reconhece a possibilidade de indivíduos louvarem até mesmo causas sociais; quando Wednesday pergunta a uma garçone de São Francisco qual deus ela adora, a personagem responde: “O princípio feminino. É uma questão de empoderamento, entende?” (GAIMAN, 2016, p. 299). Dessa forma, seria válido pressupor que até mesmo uma corporificação do princípio feminino mencionado pela personagem seja possível no universo de *Deuses americanos*.

Feita esta breve reflexão acerca do fortalecimento de instituições como narrativas “divinas”, a questão da tecnologia também necessita ser discutida, visto que os avanços e a dependência da humanidade em relação aos recursos tecnológicos se intensificam frequentemente. A obra de Gaiman possui um personagem relacionado à tecnologia, o garoto Technical Boy – chamado de “garoto gordo” na tradução brasileira –, que, apesar de não ter uma grande importância na narrativa, é um dos novos deuses com mais aparições em *Deuses americanos*, assim como Media.

A tecnologia e a mídia são fundamentais na sociedade pós-moderna, uma vez que serão elas as responsáveis por proporcionar as informações e seus meios de acesso aos indivíduos, e é a abundância de conteúdo informativo que contribuirá para a fragmentação do sujeito pós-moderno; a diversidade de pontos de vista e grupos possibilitará o questionamento individual – *Quem sou eu?*. Considerando essa metáfora de *Deuses americanos*, as personagens Media e Technical Boy seriam, de certa forma, agentes desse mecanismo dos deuses modernos.

Nesse sentido, se a principal metáfora do romance consiste nessa relação entre imigração/deuses tradicionais e mundo globalizado/novos deuses, o embate dessas divindades também é o conflito entre a tradição e a modernidade. Essa dicotomia pode ser enquadrada na questão da fragmentação, uma vez que o debate sobre o velho e o novo é algo recorrente na contemporaneidade.

Há, evidentemente, diversos vieses nos quais é possível analisar esse embate entre a tradição e a modernidade. Por conta da preservação de uma identidade nacional, um segmento de uma sociedade poderia ser adverso ao progresso, argumentando que haveria uma perda ou diluição dessa tradição. Dessa mesma maneira, um outro segmento poderia ser receptivo ao progresso, alegando que o “novo” fortaleceria essa identidade ao trazer diversidade. Apesar de esse debate ser razoavelmente menos evidente tanto nas reflexões de Hall

(2015) – cujo texto foi publicado originalmente em 1992 – quanto em *Deuses americanos* – publicado em 2001 –, as discussões nesse tema se fortaleceram, principalmente, a partir dos anos 2010, sendo os períodos das eleições presidenciais nos Estados Unidos, em 2016, e no Brasil, em 2018, dois exemplos significativos.

O romance de Gaiman, apesar da metáfora do confronto, não possui a intensidade desses eventos reais, e isso é reforçado pelo fato de ambas as facções serem induzidas a um conflito orquestrado por Wednesday e Loki (Mr. World). O desfecho da obra simboliza que é possível existir uma harmonia entre a tradição e a modernidade, e que a suposta rivalidade não passava de uma tentativa de golpe.

Alan Watts (1951, p. 135-136, tradução nossa e grifo do autor) também reflete acerca dessa relação dicotômica:

Ciência e religião falam sobre o mesmo universo, porém utilizam tipos diferentes de linguagem. Em geral, as afirmações da ciência têm a ver com o passado e o futuro. O cientista descreve os eventos. Ele nos diz “como” as coisas acontecem ao nos dar um relato detalhado de *como* acontecem.

[...] Por sua vez, as afirmações da religião têm a ver com o presente. Mas tanto religiosos quanto pessoas científicas estão sob a impressão de que a religião está mais preocupada com o passado e o futuro. Isso é um engano natural [...].⁵

Mesmo que a reflexão do filósofo considere apenas a dicotomia entre religião e ciência, e não em um sentido mais amplo como tradição contra modernidade, esse argumento ainda pode ser aplicado ao contexto de *Deuses americanos*, uma vez que, como escreve Watts (1951), ambos os lados buscam respostas para as mesmas situações. Dessa forma, é possível dizer que esses dois polos de “fé” não se descartam, há espaço para uma harmonia, assim como ressalta o desfecho do romance de Neil Gaiman.

Os deuses tradicionais e modernos não são inimigos naturais, apesar de a narrativa sugerir isso até o momento da revelação do golpe orquestrado por Wednesday e Loki. As divindades são, na verdade, vítimas de um mesmo pro-

5 “*Science and religion are talking about the same universe, but they are using different kinds of language. In general, the statements of science have to do with the past and the future. The scientist describes the events. He tells us ‘how’ things happen by giving us a detailed account of what has happened. [...] On the other hand, the statements of religion have to do with the present. But both religious and scientific people are under the impression that religion is more concerned with the past and the future. This is a natural misunderstanding [...].*”

cesso de enfraquecimento inevitável que decorre à medida que a sociedade se desenvolve e produz novas tendências.

Em *Deuses americanos*, ambas as facções buscam a mesma finalidade: a sobrevivência. Parte do argumento de Wednesday para incentivar os deuses tradicionais a ir à guerra foi o apelo à autopreservação: “– Eles sabem que estamos aqui, e nos temem, e nos odeiam. Vocês se enganam se acreditam que não. Eles vão nos destruir, se puderem. É hora de nos unirmos. É hora de agirmos” (GAIMAN, 2016, p. 140).

Wednesday e Mr. World orquestram esse conflito ao cultivarem o medo e o argumento da autopreservação, ambos fomentam a narrativa de que um lado deseja destruir o outro, que a cooperação – ou, no mínimo, tolerância – é algo impossível. No entanto, é o desfecho do romance que mostrará que a polarização do confronto entre os deuses é irrelevante no panorama completo da sociedade, como é dito por Shadow:

– Esta é uma terra ruim para deuses. [...] – Vocês todos já devem saber disso, cada um a seu modo. Os velhos deuses são ignorados. Os novos são adotados tão rápido quanto são descartados e substituídos pela próxima novidade. Ou vocês foram esquecidos, ou têm medo de ficar obsoletos, ou talvez só estejam cansados de existir ao sabor do capricho humano (GAIMAN, 2016, p. 508).

Nesse fragmento, Shadow, evidentemente, refere-se aos Estados Unidos, no entanto, também seria válido aplicar essa situação a qualquer sociedade contemporânea. Como já mencionado, a sociedade pós-moderna, fragmentada por natureza, buscará em diversas instituições, movimentos, conceitos ou tecnologias alguma forma de identidade que represente um indivíduo e afirme seu espaço como membro da sociedade.

A metáfora dos deuses utilizada por Neil Gaiman em sua obra permite personificar essa busca por novas identidades na forma de divindades, que, no entanto, são seres “mortais”. O fragmento apresentado reforça essa “fragilidade” dos deuses, facilmente descartados e substituídos por outros à medida que novidades surgem. É um discurso que aponta a velocidade com que as novas e velhas crenças – ou tendências contemporâneas/pós-modernas – surgem e desaparecem na sociedade; em *Deuses americanos*, essa volatilidade nas crenças evidencia a fragmentação do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado neste estudo, *Deuses americanos* discute questões sociais da pós-modernidade, tal como imigração, a fragmentação do sujeito, identidades nacionais e o atrito entre tradição e modernidade. Refletir acerca dessas questões da sociedade pós-moderna é fundamental para a compreensão da metáfora proposta pelo romance, que aborda as diversas facetas e identidades presentes nos Estados Unidos.

Essa discussão das múltiplas identidades e das tensões desencadeadas pela pós-modernidade se faz pertinente não apenas para a análise da obra, como também para a compreensão da sociedade contemporânea, fragmentada, diversificada e constantemente influenciada pelos avanços tecnológicos e pelas diversas instituições. Ao refletir acerca desses temas, o leitor perceberá que as estruturas sociais já não podem receber os mesmos rótulos inflexíveis de outrora.

O romance de Neil Gaiman transcende a mera narrativa de fantasia, os elementos mágicos não se fazem ali presentes apenas pela construção de um universo sobrenatural e paralelo ao mundo “real”. Em *Deuses americanos*, a fantasia está a serviço da representação da sociedade norte-americana, enfatizando suas peculiaridades e suas múltiplas identidades.

The postmodern society in Neil Gaiman’s *American gods*

Abstract

American gods, written by Neil Gaiman (2016), is frequently linked to the ideas of postmodernism due to its themes and discussions. This article, based on theories about postmodern society, proposes an analysis of the elements present in Gaiman’s novel. By unraveling the main aspects of *American gods*, a relation will be established alongside the concepts of Stuart Hall (2015) about postmodernity. In this fantasy novel, mythological gods from various pantheons, and modern gods, embodiments of contemporary tendencies, are in a war for survival, a clear metaphor for the dichotomy between modernity and tradition present in the western society. By also considering the reflections of Alan Watts (1951) about human faith, the concepts of postmodernity will be discussed alongside the novel, establishing similarities and contrasts between both perspectives.

Keywords

Postmodernity. Society. Literature.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, E. F. Revisitando o pós-moderno. In: GUINSBURG, J. *et al.* *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 159-172.

GAIMAN, N. *American gods*. New York: HarperCollins, 2016.

GAIMAN, N. *Deuses americanos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HUTCHEON, L. *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*. New York: Routledge, 2002.

NICOL, B. *The Cambridge introduction to postmodernist fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WATTS, A. W. *The wisdom of insecurity*. New York: Random House, 1951.